



FAZER O INVENTÁRIO DA NOSSA CIVILIZAÇÃO*

To make an inventory of our civilization

Maria da Penha Villela-Petit**

Resumo: Em “Fazer o inventário da nossa civilização” meu objetivo é de mostrar o percurso de vida e pensamento de Simone Weil, que a levou a escrever, em Londres, sua segunda grande obra, conhecida como *L'Enracinement*. Obra cujos três sub-títulos mostram que ela tem a ver com o desenraizamento que afeta o trabalhador operário, o trabalhador camponês e a nação francesa. As experiências vividas por S. Weil do início dos anos trinta até sua morte em Londres em 1943, incluindo sua participação à guerra da Espanha, não podem ser negligenciadas quando se lê *L'Enracinement*. Enfim, é essencial constatar e sentir a presença do Cristo nessa sua obra tão importante.

Palavras-chave: Desenraizamento. Justiça. Agir. Cristo. Auto-sacrifício.

Abstract: In “To make an inventory of our civilization” (“Faire l’inventaire de notre civilisation”), my aim is to show how the trajectory of Simone Weil’s life and thought led her to write her second major work: *The Need for Roots*, in London, a few months before her death. The three parts of this book deal respectively with the uprootedness affecting factory workers, agricultural workers, and the French Nation as a whole, something she herself had vividly

* Artigo recebido em 12/07/2021 e aprovado para publicação em 11/12/2021.

** Doutora em Filosofia com tese sobre Edmund Husserl sob a direção de Paul Ricoeur. Pesquisadora aposentada emérita dos «Archives Husserl» (do CNRS), tendo ensinado também no Institut Catholique de Paris.

experienced. In reading this work, one cannot overlook the shaping experiences she underwent from the early 1930's until her death in 1943, in England, including her participation in the Spanish Civil War. Last but not least, it is also essential to register and appreciate the presence of Christ in Simone Weil's life when she wrote *The Need for Roots*, and which adds an extra depth to her probing investigation.

Keywords: Uprootedness. Justice. Action. Christ. Self-sacrifice.

A pandemia do *coronavírus* isto é do Covid-19, que em 2020 se espalhou por quase todos os países, vem suscitando um número considerável de reflexões sobre o nosso "mundo", isto é sobre a civilização 'globalizada' que é a nossa, e sobre os interesses financeiros que dominam sua economia. Reflexões que estão sendo publicadas em jornais, revistas e livros, e que nos levam a pensar.

Assim no *Le Monde diplomatique* do mês de maio lemos um longo artigo sob a autoria de Philippe Descamps e Thierry Lebel, especialistas do meio ambiente e da evolução do clima, onde, a propósito do vírus, eles se perguntam:

"Ao revelar a vulnerabilidade de nossa civilização, as fragilidades associadas ao modelo de crescimento econômico globalizado, em consequência da hipersocialização e dos fluxos incessantes de pessoas, de mercadorias e de capitais, o Covid-19 provocará um eletrochoque salutar?"¹

Os autores se interrogam e nos interrogam. Com razão, eles não estão certos que "o após" pandemia conduzirá necessariamente a uma transformação positiva em todas as áreas de nossa civilização.

Suas questões nos levam também a repensar o que, em circunstâncias bem diferentes da que estamos vivendo, Simone Weil já escrevera sobre a nossa civilização, sobretudo na obra publicada, graças a Albert Camus, sob o título de *L'Enracinement (O Enraizamento)*². E ainda em suas notas e seus rascunhos de ensaios, que também se tornaram conhecidos.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o título do meu texto não é de hoje, é uma expressão da própria Simone Weil. Ela a emprega em dois

¹ En révélant la vulnérabilité de notre civilisation, les fragilités associées au modèle de croissance économique mondialisée, du fait de l'hyperspécialisation et des flux incessants de personnes, de marchandises et de capitaux, le Covid-19, provoquera-t-il un électrochoc salutaire?

² A obra conhecida pelo título *L'Enracinement* foi primeiro publicada em 1949, na coleção « Espoir », dirigida por Albert Camus nas éditions Gallimard. A. Camus escrevera então: « Il me paraît impossible pour l'Europe une renaissance que ne tienne pas compte des exigences que Simone Weil e définies dans *L'Enracinement*. »

manuscritos (ms. 57 e 58) que, em suas *Obras Completas*, se encontram no volume 1 dos *Cahiers*³, e formula a necessidade do tal inventário sob duas formas:

“O que fazer? Fazer o inventário da civilização atual, que nos destrói”.

“Fazer o inventário ou a crítica de nossa civilização, o que isso quer dizer?” “Procurar esclarecer de uma maneira precisa a armadilha que fez do homem o escravo de suas próprias criações”.

Na comunicação que eu fizera em 2015 no Colóquio anual da *Association pour l'étude de la pensée de Simone Weil*, – comunicação publicada em dezembro de 2016, no Tome XXXIX, n° 4, dos *Cahiers Simone Weil* – eu havia escolhido como título não uma citação de Simone Weil, mas uma expressão de Edmund Husserl: “*L’absurdité intime de notre civilisation*”. Escolha feita em função de algumas convergências importantes que eu havia descoberto entre os dois, em relação ao uso abusivo da ciência e da técnica⁴, e ao emprego inconsiderado de algoritmos. Mencionara também o desejo que tinha Simone Weil de melhor conhecer a questão da agricultura apontando duas tarefas que ela deveria empreender: “Saber se a técnica agrícola moderna não esgota a terra? Estudar também a questão dos fertilizantes artificiais [*engrais artificiels*]?”⁵

E, no final desse meu texto sobre a crise de nossa civilização, eu fizera justamente alusão à preocupação de Simone Weil de fazer um inventário crítico de nossa civilização, citando algumas de suas frases.

Se quisermos apreciar alguns dos aspectos decisivos sob os quais Simone Weil efetuou um tal inventário, em particular, nos seus últimos escritos, devemos recorrer não somente aos *Écrits de Marseille* – onde encontramos a questão sobre a técnica e os produtos fertilizantes que acabo de mencionar (hoje a alusão principal seria aos pesticidas) –, mas sobretudo aos *Écrits de New York et de Londres*, em particular ao segundo tomo, do qual consta o *Enraizamento (L’Enracinement)*.

Esse título, que afirma a necessidade de enraizamento, é um testemunho do que Simone Weil diagnosticara, isto é, do desenraizamento que abala nossa civilização. Se ela encara essa sua obra como um “Estudo para uma

³ Cf. WEIL, *Cahiers** (1933-septembre 1941), in *Œuvres Complètes*, VI, éd. Gallimard, 1994, p. 116.

⁴ Cf. Ed. HUSSERL, « Fünf Aufsätze über Erneuerung » in *Aufsätze und Vorträge (1922- 1937)*, Husserliana, Bd. XXVII, p.3). A expressão se encontra no primeiro artigo dos cinco que Husserl havia escrito para uma revista japonesa, dos quais apenas três foram então publicados (1923-1924) e só o primeiro em versão bilingue.

Esses artigos são agora disponíveis em tradução francesa graças a Laurent Joumier que os traduziu do original alemão, e cujo livro intitulado *Sur le Renouveau, Cinq articles* foi publicado em 2005 pela editora parisiense, Vrin.

⁵ Cf. WEIL, *Cahiers*, in: *Œ.C.* VI, p. 137.

declaração das obrigações em relação ao ser humano ou como um “Prelúdio a uma declaração dos deveres em relação ao ser humano”, é que ela se dá como tarefa o exame dos estados de desenraizamento do mundo operário, do mundo camponês, antes de colocar em foco, e historicamente em relação à França, o “Desenraizamento e a Nação”.

Para se abordar, no *Enracinement*, o longo capítulo “Desenraizamento Operário”, convém primeiro lembrar que a professora “agrégée” de filosofia que era Simone Weil assumira voluntariamente, de dezembro 1934 a 1935, a condição de operária de fábrica para conhecer e partilhar, por uma verdadeira experiência, as condições de vida dessa classe de trabalhadores pobres, explorados e humilhados. Ela foi trabalhar como operária primeiro numa fábrica da sociedade de construções elétricas ‘Alsthom’; em seguida passou por três outras, a última sendo a fábrica de Renault. Quando foi trabalhar na ‘Alsthom’, deixou o apartamento de seus pais e alugou um quarto na rue Lecourbe (Paris XVe) para ficar bem perto da usina.⁶

No livro incontornável – *La vie de Simone Weil* – escrito por sua ex-colega e grande amiga Simone Pétrement, há um capítulo – “L’année d’usine (1934-1935)” -, onde se fica sabendo que os problemas de saúde (as dores de cabeça), que atormentavam S. Weil, aumentavam ainda mais o sofrimento corporal e psíquico ligado à situação operária que ela havia assumido. Mas como se vê na análise que S. Weil faz do trabalho em usina, quando aborda o *Déracinement Ouvrier*, ela quer é chamar a atenção sobre a situação social humilhante dos operários que, de fato, são impedidos de pensar devido ao seu estado de cansaço e esgotamento. Foi o que ela pôde pessoalmente viver e constatar, e que a segunda guerra mundial parecia agravar, com a França ocupada pelos alemães, sob o regime de Vichy.

Em *Simone Weil, A condição operária e outros estudos sobre a opressão* – obra organizada e apresentada por Ecléa Bosi –, pode-se ler a parte do *Enraizamento* consagrada ao “Desenraizamento operário”.⁷

O que se conhece melhor hoje é que antes da redação do *Enraizamento*, S. Weil já havia redigido vários textos (notas, cartas, rascunhos de projetos, primeira versão de artigos etc.), onde considerava a situação lamentável do trabalho dos operários na indústria. Textos que se tornaram acessíveis nos anos 90, pois foram reunidos e publicados nos *Écrits historiques et politiques* sob o título “L’expérience ouvrière et l’adieu à la révolution

⁶ Dentre as notas de *L’Enracinement*, agora reeditado no *Écrits de New York et de Londres* **, textos estabelecidos e apresentados por Robert Chenavier et Patrice Rolland, *Œuvres Complètes*, V, Gallimard, 2013, encontra-se na p. 157, uma nota (3) onde são mencionadas além de Alsthom e Renault, as duas outras empresas onde ela havia trabalhado por alguns dias.

⁷ É da segunda edição (revista) dessa obra organizada e apresentada por Ecléa Bosi e traduzida por Therezinha G. G. Langlada, Ed. Paz e Terra, 1996, que nós nos serviremos, com algumas restrições, ao citarmos o ‘Desenraizamento operário’.

(juillet 1934 – juin 1937)” que constam do nº II das *Œuvres Complètes*.⁸ Dentre eles há uma carta (*une Lettre*) sobre a *Expérience de la vie d'usine*, redigida à intenção do escritor Jules Romains; em particular sobre o ciclo que ele havia publicado com o título de “*Hommes de bonne volonté*”.

Nessa carta iniciada em 1936 e que ela prosseguiria mais tarde em 1941 ao chegar na cidade de Marseille – carta jamais enviada – ela se estende sobre a condição do operário, que executa sua função quase que cegamente, não se dando bem conta do papel que os outros devem assumir para a fabricação do produto.

“Ao nível do operário as relações estabelecidas entre as diferentes posições, as diferentes funções, são relações entre as coisas e não entre os homens.”⁹

Ela aborda logo depois a cadência do trabalho, cadência exigida pelos gestos que se sucedem como se fossem mecânicos. Tal *cadência* sendo o oposto do *ritmo*, o qual se caracteriza por um sopro vital, que a música coloca em evidência.

Tendo conhecido a situação de servidão do operário – que importa distinguir daquela dos artesões do passado, os quais ao produzir uma peça artesanal eram conscientes das etapas sucessivas da produção –, S. Weil, pouco depois de ter deixado o trabalho nas fábricas, terá o prazer de ver que trabalhadores metalurgistas acabaram se revoltando contra a exploração de que eram vítimas, embora ela não se iluda muito com os resultados reais do que se chamou o “*Front Populaire*”.¹⁰

Fica, em seguida, sabendo o que se passa na Espanha, onde havia sido instalado também um governo de “*Front Populaire*”. Governo que logo suscita uma revolta militar de generais fascistas. Isto faz com que, em agosto de 1936, depois de alguma hesitação, ela viaje até Barcelona (cidade que ela já conhecia), a fim de participar da guerra civil que abalava a Espanha. Lá chegando associa-se às forças internacionais que participam das tropas de Buenaventura Durruti, chefe dos anarquistas. E não se esquiva dos combates, onde se vê, em certas ocasiões, ameaçada de morte. Não tardou, porém, em cair acidentalmente num poço que não enxergara; no poço havia um fogo escondido (necessário para que se cozinhasse,) e ela ficaria gravemente queimada de uma de suas pernas. Seus pais foram então buscá-la para trazê-la de volta à França, e tratá-la.

⁸ WEIL, *Écrits historique et politiques*, in : *Œuvres Complètes* II, (juillet 1934- juin 1937). Os textos desse volume foram reunidos, anotados e introduzidos por Géraldi Leroy e Anne Roche.

⁹ WEIL, *Écrits historique et politiques*, p. 295.

¹⁰ Ver a Parte III- “*Autour du Front Populaire*”, do Tome II dos *Écrits Historiques et politiques* (O.C. II) que acabamos de abordar rapidamente.

A experiência feita durante a “guerra da Espanha” não termina porém com esse retorno forçado pelas circunstâncias. O que Simone Weil pode verificar foram as atrocidades cometidas pelos dois campos. O combatente que era preso pelas tropas adversas, mesmo que fosse um adolescente, sofria horrores e não sobrevivia, pois era liquidado.

Um dos documentos mais tocantes sobre sua vivência durante essa guerra da Espanha foi a carta que ela escreveria à Georges Bernanos em 1938. O escritor G. Bernanos não estivera do mesmo lado que ela, mas iria também constatar a impostura da “Cruzada” franquista, como tomara conhecimento na ilha de Maiorca. Foram as operações levadas adiante pelos nacionalistas franquistas, incluindo parte do clero católico, que o inspiraram quando escreveu seu livro: “*Les Grands Cimetières sous la lune*”.¹¹ Simone Weil logo leu esse livro de G. Bernanos e, embora se sentindo bastante modesta, tomou coragem para lhe enviar uma carta. Carta que tanto agradou a G. Bernanos que ele a conservaria em sua carteira até sua morte.¹²

Mas antes de comentar o que ela vivera durante as poucas semanas passadas na “guerra da Espanha”, S. Weil se apresenta dizendo simplesmente que desde sua infância suas simpatias eram voltadas para os grupos desprezados pela hierarquia social. É essa compaixão pelos pobres, pelos desprezados socialmente que subsistirá até o fim de sua vida.

Por outro lado, os horrores dos quais havia testemunhado quando se encontrava na Espanha vão nutrir nela um ‘pacifismo’ que a acompanhará por alguns anos. Ela queria evitar um novo conflito com a Alemanha, mesmo nazista. Seu pacifismo era alimentado pela consciência que tinha do castigo econômico que, pelo “Tratado de Versalhes”, os países vencedores da primeira guerra mundial (em particular o Reino Unido e a França) haviam imposto à Alemanha. Castigos vindicativos que semearam ainda mais o ódio germânico contra os vencedores da primeira guerra mundial. Situação essa que iria facilitar a chegada do nacionalismo nazista.

O ‘pacifismo’ de S. Weil duraria só até a entrada dos nazistas em Praga em 1939, e, pouco tempo depois, em 1940, surgiria seu desejo de combater a invasão da França pelas forças alemãs. Invasão que sucede ao “armistício” assinado pelo ‘regime’ dito de Vichy, instaurado sob a conduta do Maréchal Pétain, o qual ironicamente havia participado da primeira guerra mundial da qual saíra ‘vencedor’, mas que agora cedia ao nazismo, e admitia o controle de seu país pelos alemães.

¹¹ Essa obra pode ser lida in *Essais et écrits de combat I*, volume da obra completa de G. Bernanos publicada na coleção *Pléiade*, éd. Gallimard, 1971.

¹² Foi Gilles Bernanos, filho do escritor G. Bernanos que a descobriu e que autorizou sua publicação no n° consagrado a S. Weil dos *Cahiers de L’Herne*, (cf. L’Herne, 2014).

Imaginando que a capital seria defendida, a família Weil fica em Paris até a véspera da chegada dos alemães, quando Paris foi então declarada “Ville Ouverte” (aberta às tropas alemães). Os Weil viajam então para o Sul do país passando por várias regiões da França e chegando em Marseille um pouco antes de 15 de setembro.

Os Weil lá permaneceriam por algum tempo. Simone Weil não pudera mais reassumir suas funções de professora por ser de origem judia. Ela também não admitia de modo algum “fugir” do combate que a Inglaterra já preparava para evitar uma invasão da Alemanha nazista. Seu pedido para lá ser aceita a fim de combater como aliada dos ingleses, e pronta a sacrificar sua vida, não foi aceito. Ela e os seus permaneceriam vários meses no Sul da França, antes de não terem outra opção que partir para o exterior. Nós retornaremos a essa questão mais tarde.

O que merece ser posto em primeiro plano durante os meses vividos no *Midi* (no Sul da França) são os encontros determinantes que ela fará com o Padre Joseph-Marie Perrin o.p.¹³, com Gustave Thibon e com o poeta Joë Bousquet, vítima da primeira guerra mundial e paraplégico, que não podia se levantar do leito. Poeta que, portanto, lia e escrevia deitado. Com J. Bousquet, que habitava Carcassonne, Simone Weil passou duas noites discutindo, inclusive sobre seu plano de “enfermeira de primeira linha”. Quanto à Gustave Thibon, foi também por intermédio dele, que ela acabou vivendo a experiência do trabalho camponês, que ela tanto desejava conhecer e partilhar.

Pouco antes de ser obrigada a deixar a França e embarcar para os Estados Unidos por volta de 14 de maio de 1942 junto com seus pais, S. Weil escreve uma carta de adeus ao seu muito estimado Pe Joseph-Marie Perrin (ele era quase cego)¹⁴ sobre o que a levava ao Cristo, e a autodescoberta que fizera de sua “interioridade cristã”. Esta carta é conhecida como sua “Autobiographie Spirituelle”. É graças a essa carta que se tornaram conhecidos os três momentos-chaves do seu encontro com o cristianismo.

O primeiro deles ocorreu quando ela viajara de férias (entre agosto e setembro de 1935) com seus pais por parte da Espanha e de Portugal. Em Portugal, quando eles estavam em Viana do Castelo (ao norte da cidade do Porto), ela resolve ir sozinha a Póvoa do Varzim, vilarejo de pescadores. Chega lá no dia da Festa de Nossa Senhora das Sete Dores, padroeira do vilarejo. E, no fim do dia ela assiste à procissão que faziam as mulheres

¹³ Foi no Natal de 1940 que graças a Helène Honnorat (irmã de Pierre Honnorat) ela foi apresentada ao P. Joseph-Marie Perrin, que ela muito estimou e que se tornou seu amigo e confidente de sua vida « religiosa ».

¹⁴ Cf. o livro de Joseph-Marie Perrin, o.p., *Mon dialogue avec Simone Weil*, éd. nouvelle cité, Paris, 1984, préfacé par André A. Dumas.

dos pescadores em torno dos barcos, com velas acesas e cantando hinos religiosos muito pungentes.

Narrando tal fato na sua carta ao Pe. J.-M. Perrin, ela acrescenta:

Nada pode dar uma ideia disso. Não ouvi nada de tão pungente como o canto dos barqueiros do Volga. Aí tive de repente a certeza que o cristianismo é por excelência a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ele, e eu entre os outros.¹⁵

Tal afirmação de Simone Weil tem também bastante a ver com a experiência que fizera como operária de fábrica e o sofrimento físico que padeceu.

A segunda experiência decisiva do seu encontro com o Cristo se produzirá durante uma viagem à Itália. Na dita “Autobiographie”, destinada ao Pe. Perrin, ela faz menção dos dois dias maravilhosos que passou em Assis. E de escrever:

Aí, estando só na pequena capela românica do séculos XII de Santa Maria degli Angeli, maravilha incomparável de pureza, onde São Francisco orou com muita frequência, alguma coisa mais forte do que eu me obrigou pela primeira vez na minha vida a me pôr de joelhos.¹⁶

Enfim, a terceira experiência decisiva da relação de Simone Weil com o Cristo acontece em 1938, quando ela decide de ir (com sua mãe) a Solesmes, e de permanecer lá 10 dias para assistir na Abadia beneditina a todas às celebrações da Semana Santa, indo do Domingo de Ramos até a terça-feira de Páscoa.

O canto gregoriano a encantava e o que mais a comovia existencialmente era viver, durante as celebrações, a Paixão do Cristo.

Foi no decorrer dessas celebrações que ela encontra um jovem inglês católico que lhe dá um presente muito precioso, qual seja, o poema *Love* de Georges Herbert¹⁷, que ela iria frequentemente recitar. E, como ela declara ao Pe. Perrin:

Aprendi-o de cor. Muitas vezes, no momento culminante de crises violentas de dores de cabeça, me exercitei a recitá-lo aplicando-lhe toda minha atenção e aderindo de alma e coração à ternura que ele encerra. Julgava recitá-lo apenas como um belo poema, mas, sem o saber da minha intenção, esta

¹⁵ “Rien ne peut en donner une idée. Je n’ai rien entendu de si poignant, sinon le chant des haleurs de la Volga. Là j’ai eu soudain la certitude que le christianisme est par excellence la religion des esclaves, que des esclaves ne peuvent pas ne pas y adhérer, et moi parmi les autres” Cf. a carta IV, « Autobiographie Spirituelle » no obra mencionada do Pe. Perrin, p. 164.

¹⁶ “Lá, étant seule dans la petite chapelle romane du XII siècle de Santa Maria degli Angeli, incomparable merveille de pureté, où Saint François a prié bien souvent, quelque chose de plus fort que moi m’a obligée, pour la première fois de ma vie, à me mettre à genoux.” *Ibidem*.

¹⁷ George Herbert, padre e grande poeta inglês, nascido em 1593 e falecido em 1633.

recitação possuía a virtude de uma prece. Foi no decurso de uma dessas recitações que, como já lhe disse por escrito, o próprio Cristo desceu e me tomou (*lui-même est descendu et m'a prise*).¹⁸

É impossível não se levar em conta a transformação religiosa que já ocorrera na vida de Simone Weil quando ela e os seus são obrigados a deixar Paris para se instalarem em Marseille, e depois se exilarem no exterior. Ela viajou com os pais para os Estados Unidos, mas lá não queria ficar, pois seria como se estivesse fugindo, escapando do sofrimento que atingia grande parte dos europeus. Como ela se exprimiria numa carta a Simone Pétrement, ela se refere a ‘necessidade interior’ que a leva a partilhar o sofrimento dos outros, e, portanto, a se *expor* – expressão que R. Chenavier citará no seu *Preâmbulo (Avant-Propos)*, ao volume I dos *Écrits de Marseille*.

Quando estava ainda em Marselha, isto é, antes de ser obrigada a partir para os Estados Unidos, Simone Weil procurou estabelecer vários contatos a fim de obter a autorização de integrar a Resistência francesa (a ‘França Livre’) cuja direção se instalara na Inglaterra. E, mais ainda, ela desejava ardentemente ajudar o povo desse país que resistia sem hesitação ao nazismo. Como poderia ela admitir não agir concretamente, não expor sua vida durante os combates, por meio de uma ação, cujos ‘efeitos’ espantosos de “energia sobrenatural” pudessem de algum modo contribuir à vitória da Inglaterra e à liberação da França?

Pelo excelente *Avant-Propos de Robert Chenavier aos Écrits de Marseille*, ficamos sabendo também da promulgação em outubro de 1940 pelo Estado de Vichy do primeiro estatuto dos judeus, que os colocava numa situação de exclusão, isto é de pessoas postas de lado da vida pública francesa. Os Weil, no entanto, só deixarão a França em 1942, quando permanecer no país tornara-se impossível. Foram obrigados a viajar de navio, primeiro até *Casablanca* no Marrocos, onde passariam uma quinzena de dias, antes de embarcarem num navio português, o *Serpa Pinto*, que os levaria a Nova York. Lá seus pais ficariam até o fim da guerra. Mas uma tal permanência era impossível para Simone Weil, que se autonegaria (autotrairia) caso se “exilasse” dos combates de liberação e do sacrifício por eles exigido.

Como já indicamos, ainda no sul da França (região que primeiro fora considerada ‘livre’), Simone Weil abordara com Joë Bousquet, seu “Projeto de formação de enfermeiras de primeira linha”. Depois de passar dois dias conversando com J. Bousquet e ao voltar para Marselha, ela vai trocar algumas cartas com ele, a quem ela pedira uma ajuda (por meio de uma carta) para levar adiante seu Projeto. Fica claro que esse projeto que era de reunir algumas mulheres para cuidar dos feridos em meio aos

¹⁸ Cf. WEIL, *Attente de Dieu*, Éd. Fayard, 1966, p.44-45. Obra traduzida em português por Manuel Maria Barreiros, com o título *Espera de Deus*, com uma ‘Apresentação’ de José M. Pacheco Gonçalves, Lisboa, Edição Assírio & Alvim, 2005, col. Teofanias, p. 61-62.

combates excluía para elas o uso de armas. E além do mais ele só poderia ser realizado a partir da Inglaterra.

Quando, depois de várias tentativas para ser admitida na Inglaterra¹⁹, ela acaba obtendo – graças a Maurice Schumann (que ela conhecia e havia sido seu colega no Liceu) –, uma autorização para viajar para Londres e participar das forças de resistência, ela se tranquiliza, pois não será mais mantida longe de um *agir efetivo* contra o nazismo.

Dos Estados Unidos, onde encontra Jacques Maritain e o Padre Alain-Marie Couturier²⁰, ela embarca para a Inglaterra em novembro de 1942. Chega primeiro a Liverpool, e, a partir do 12 de dezembro, se instala em Londres.

Em Londres, reencontra Maurice Schumann (algumas vezes ambos iriam juntos à missa do domingo), e é admitida no círculo dos resistentes da ‘*France Libre*’, movimento comandado pelo General Charles de Gaulle. Mas sua grande decepção na Inglaterra é não poder levar adiante seu *Projet d’infirmières de première ligne*, o qual já havia criado problemas na França por ter sido “descoberto” pelo regime de Vichy²¹. E Projeto que lá em Londres, pela sua audácia, muitos membros da Resistência encarariam como “louco” e “suicidário”. Para Simone Weil, os atos de coragem empreendidos por mulheres desarmadas, com a intenção de dispensar os primeiros cuidados às vítimas de bombardeios intensos, não somente sublinhariam o que era atroz e mortífero na guerra, mas causariam uma grande ‘surpresa’, despertando admiração pelo dom que tais mulheres faziam de si mesmas, de suas vidas. Dom que seria “um reconforto moral que elas levariam aos feridos dos quais elas se ocupariam”, e poderia suscitar um choque entre os beligerantes. Ela acreditava que a coragem dessas mulheres e, portanto, a sua, coragem que procedia de uma inspiração outra, seria “um desafio àquela selvageria que o inimigo adotara”; coragem “que faria sem dúvida, impressão sobre os soldados inimigos”, como ela dizia ainda no seu Projeto...

É então nesse período de sua vida em Londres – e antes de ter sido hospitalizada por ter apanhado uma tuberculose que lhe seria fatal –, que S. Weil redige sua segunda grande obra, a saber o *Enraizamento*.

¹⁹ Nos *Écrits de Marseille* (1940-1942) in *CE.C. IV*, Gallimard, 2008, pode-se ler sua « Demande pour être admise en Angleterre » e o texto do « Projet d’une formation d’infirmières de première ligne ». O texto do seu “Pedido de passagem para a Inglaterra” será apanhado pela Polícia francesa, quando foi inspecionado o francês Robert Burgass que estava organizando clandestinamente essa passagem. R. Burgass foi preso e morreria na prisão.

²⁰ Ver a “Lettre à un religieux”, que ela escrevera ao P. Alain-Marie Couturier, que foi primeiro publicada em 1951.

²¹ O texto manuscrito do projeto ficara detido por forças do regime de Vichy, quando foi descoberto o projeto de um francês Robert Burgass agindo contra o regime. Quem o descobriu foi Robert Mencherini. O texto do projeto foi logo em seguida, isto é, em 1994, publicado pelos *Cahiers Simone Weil*. Sobre o as circunstâncias dessa descoberta, e sobre a prisão a que foi condenado Robert Burgass R. Mencherini já publicou vários artigos nos *Cahiers*.

Mas, depois desse breve e incompleto resumo das atitudes e iniciativas de Simone Weil, e a fim de abordar sua última grande obra (*L'Enracinement*) e alguns outros escritos de Nova York e de Londres, não podemos omitir o que Simone Weil vai escrever sobre a fé que era a sua, e isso quando já se encontrava num estado bastante grave e pouco antes de falecer.

Poucos meses antes de ser hospitalizada, ela havia encontrado duas ou três vezes o Padre René de Naurois, que só conseguira chegar em Londres em março de 1943, passando a assumir a função de capelão militar junto às tropas da *França Livre*. Já internada no *Middlesex Hospital*, ela lhe escreve uma carta tida como seu 'Último texto' (*Dernier Texte*)²², e que em suas *Obras completas* tem por título "Profession de foi".²³

Essa carta começa pela afirmação de sua fé nos termos seguintes:

"Eu acredito em Deus, na Trindade, na Encarnação, na Redenção, na Eucaristia, nos ensinamentos do Evangelho."

Fé a qual ela adere por amor da verdade, mas que não implica de modo algum que ela siga todos os ensinamentos dispensados pela Igreja e as condenações que a Igreja católica se julga com direito de proferir.

Mais adiante na mesma carta Simone Weil fará parte ao Pe. Naurois do seu desejo de comunhão: "Por outro lado eu sinto, já faz bastante tempo, um desejo intenso e perpetuamente crescente da comunhão." Desejo que lhe é "legalmente" impedido de satisfazer por ela recusar o "batismo" como sendo uma submissão à Igreja enquanto instituição social; instituição com poder de decretar o que é, ou não, "cristão, ou seja católico".

Além disso, Simone Weil era muito sensível a tudo aquilo que via como "conhecimento sobrenatural" não somente na filosofia grega (sobretudo em Platão), mas em outras tradições culturais ou religiosas: (bramanismo, budismo, taoísmo). Ela valorizava também os mitos de vários povos, considerados como "primitivos" e chega a dizer que o folclore bem interpretado encerra "tesouros de espiritualidade". Ela entrevia nessas tradições convergências e planos significativos com o sobrenatural da revelação cristã.

É nesse horizonte, traçado muito rapidamente, que podemos ler seus últimos escritos e sobretudo *L'Enracinement*, embora nesse ensaio eu tenha que me limitar a alguns pontos, por um lado em relação à aspiração *justiça*, inseparável do desejo de verdade e do Bem, desejo muito 'ativo'

²² É com esse título que a carta que ela escrevera à intenção do Pe de Naurois havia sido publicada em Simone Weil, *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*, coletânea editada por Gallimard, 1962.

²³ Texto agora publicado nos *Écrits de New York et de Londres*, O. C. V, 2019, com uma esclarecedora Introdução de R. Chenavier. (cf. p. 348-356).

em Simone Weil, e, por outro, à sua crítica da ideia, tão atrativa no nosso mundo, e, no entanto, muito enganosa, de progresso.

No *Enraizamento*, obra que ela não pode sequer rever antes de seu falecimento, os três grandes capítulos tratam do “Desenraizamento”: o do trabalho operário, o do trabalho camponês e o desenraizamento da Nação, que a passividade do “regime de Vichy” diante da ocupação nazista manifestava diretamente.

Desses três desenraizamentos, ela fez pessoalmente experiência. O que ela escreveu a respeito do seu trabalho como operária de fábrica é, como mencionamos, mais conhecido no Brasil graças a sua tradução na coletânea organizada por Ecléa Bosi. Um dos seus conselhos essenciais com vista ao enraizamento dos operários, cujo esgotamento os impede de pensar, tem a ver com a cultura. Ela preconiza uma formação cultural que os operários deveriam receber, durante momentos de descanso, e por intermédio não de vulgarizações (o que ela detestava), mas sim de *transposições*. *Transposições* que lhes dariam acesso ao que há de mais alto na nossa cultura, como nas epopeias de Homero, na tragédia grega, em Dante, em Shakespeare, em Rousseau etc.

Hoje é importante que possamos também reativar algumas das considerações que ela faz em relação ao desenraizamento do trabalho agrícola e ao desenraizamento da nação, pois estamos vivendo num contexto de globalização que não somente afeta muito o trabalho industrial, mas também o trabalho agrícola e a independência efetiva dos povos. A globalização está também entremeando intensamente os três desenraizamentos, como Simone Weil já entrevia em sua época e, como estamos vivendo agora, de maneira inesperada e aguda, com a pandemia (Covid 19).

O fato que vírus modificados surjam e contaminem seres humanos tem também a ver e com a monocultura e com o extermínio de várias espécies animais.

A respeito da cultura da terra na França, Simone Weil havia constatado o despovoamento das aldeias e o fato que os camponeses, não tendo a propriedade da terra que cultivavam, quando ameaçados por problemas, tendiam a emigrar para cidades. Pensavam que poderiam obter melhores “empregos”, o que, na verdade, aumentava o desemprego urbano...

No Brasil, nos nossos dias, os camponeses ‘sem-terra’ são vítimas dos grandes proprietários, isto é, dos grandes “fazendeiros”, que tentam expulsá-los das terras que eles cultivam, correndo o risco de serem assassinados pelos pistoleiros pagos pelos ditos proprietários.

Quando Simone Weil considera o problema da “cultura do espírito”, necessária para todos os trabalhadores, ela sublinha, em relação aos tra-

balhadores da terra, a questão “do maravilhoso circuito da energia solar que desce nas plantas, fixada pela clorofila”. Além de levá-los a admirar esse circuito da natureza terrestre, a instrução dos camponeses nas aldeias deveria ter também por objetivo essencial o de aumentar a sensibilidade deles à beleza da natureza e à beleza das artes (poesia, pintura, música). Isto daria ao trabalho agrícola uma maior dignidade. Ela sustenta que seria bom que, nas escolas públicas, os jovens seguissem cursos de história religiosa para se abrirem ao sobrenatural (embora sem ‘pregação’ dessa ou daquela religião).

Simone Weil chega também a preconizar uma polícia do meio ambiente para preservar a natureza. [E na época ainda não se falava de ecologia...].

No início da sua análise do desenraizamento camponês, ela havia apontado o direito dos camponeses ou de possuírem pedaços de terreno que poderiam cultivar para eles próprios, ou, em caso de uma grande propriedade agrícola, de a possuírem em *comum*²⁴, de modo comunitário. Nela eles trabalhariam de forma cooperativa.

Ela termina esse capítulo sobre o “Desenraizamento camponês”, insistindo, de maneira geral, sobre a missão própria da nossa época que é “a constituição de uma civilização fundada sobre a espiritualidade do trabalho”, e reafirma que: “Uma civilização constituída por uma espiritualidade do trabalho seria o mais alto grau de enraizamento do homem no universo, por conseguinte o oposto ao estado onde estamos, que consiste em um desenraizamento quase total.”²⁵

Antes de abordarmos a última dimensão do desenraizamento, ou seja o “Desenraizamento da nação” – a qual Simone Weil consagra uma boa metade da obra – quero citar uma das frases que terminavam o que se poderia chamar de sua ‘Introdução’; introdução ao “Prélude à une déclarations des devoirs envers l’être humain”, que é o título do manuscrito do Livro que se conhece como “*L’Enracinement*”:

Enfim as relações sociais no seio de um mesmo país podem ser fatores de um perigoso desenraizamento. Nas nossas terras, hoje em dia, a conquista posta de lado, há dois venenos que propagam essa doença. Um é o dinheiro. O dinheiro destrói as raízes em toda parte onde ele penetra, substituindo todos os motivos pelo desejo de ganhar.²⁶

²⁴ A noção de “commun”, elaborada recentemente pela americana Elinor Ostrom, está na ordem do dia. O jornal *Le Monde* acaba de publicar vários artigos de Claire Legros sobre o assunto no contexto da crise ecológica atual. O de 31 de julho de 2020 com o título muito significativo de « Posséder la terre en « commun » pour mieux la protéger. »

²⁵ Cf. WEIL, *L’Enracinement*, in: O.C. V, Gallimard, 2013, p.191, 192. Ver também o livro de Robert Chenavier: *Simone Weil-Une philosophie du travail*, Paris, éd. du Cerf, 2001.

²⁶ Cf. WEIL, *L’Enracinement*, in: *Écrits de New York et de Londres*, O. C. V, Gallimard, 2013, p. 144.

A respeito da nação, ela retoma algumas considerações já feitas quando se ocupava da situação e dos operários e dos camponeses, acentuando a noção central de justiça. E, de início, para indicar o que é chamado de nação, ela escreve: "...A nação, isto é o Estado, porque não se pode achar outra definição à palavra nação que o conjunto de territórios reconhecendo a autoridade de um mesmo Estado."²⁷

Um dos problemas maiores que ela infere dessa compreensão da nação e de seu desenraizamento é a destruição da vida local e a perda do passado das populações.²⁸ Além disso, quando, no país (na França), "é questão de história a moral não intervém mais. Não é jamais questão da França no exterior." A essas considerações de caráter geral segue a indicação daquilo que o ensino da história não aborda, isto é, do que foi destruído em matéria de costumes e de riquezas culturais, quando o país cresceu, a nação se tornou maior.

Simone Weil dará, porém, um sentido positivo a noção de "pátria" quando é definida como um "meio-ambiente vital", embora não deixe de sublinhar o quanto é necessário "evitar as mentiras, as contradições que corroem o patriotismo". O patriotismo se opõe assim ao nacionalismo, que é discriminatório e omite tudo o que se deve à abertura, às trocas com outras civilizações. Por outro lado, um patriotismo verdadeiro é indissociável do espírito de justiça. E como ela escreve no *Enraizamento*:

[...] um tal amor [o amor da pátria] pode ter os olhos abertos sobre as injustiças, as crueldades, os erros, as mentiras, os crimes, as vergonhas, contidos no passado, no presente, e os apetites do país sem dissimulação nem reticência, e sem ser diminuído; ele somente se torna mais doloroso.²⁹

Basta que pensemos na escravidão, na diferença social e, portanto, no que não pode ser omitido quando se ensina a história de um país.

Um outro dos aspectos mais notáveis de sua reflexão sobre o Desenraizamento da Nação surge quando ela considera o prestígio atual da ciência. Prestígio esse indissociável das realizações técnicas, ou como ela escreve:

A técnica contribui por uma tão grande parte ao prestígio da ciência que seríamos inclinados a supor que o pensamento das aplicações é um poderoso estimulante para os cientistas. De fato, o que é um estimulante não é o pensamento das aplicações, é o prestígio mesmo que essas aplicações dão à ciência.³⁰

²⁷ *Ibidem*, p. 192.

²⁸ Nos dias de hoje, até em países ricos como a Inglaterra, estamos assistindo à "escravidão" dos imigrantes refugiados que, não possuindo a nacionalidade do país, são empregados por indústrias que os exploram de maneira insuportável, pois são pagos por menos da metade do salário mínimo...

²⁹ Cf. WEIL, *L'Enracinement*, in *Écrits de New York et de Londres*, CE.C., V, Gallimard, 2013, p. 252.

³⁰ Cf. WEIL, *L'Enracinement*, p. 321.

Ela aponta assim para a separação que passou a existir, na Modernidade, entre a ciência e a sabedoria (moral, espiritual). Pouco antes, Simone Weil reflete sobre o mal que facilmente se associa à técnica, lá onde esta predomina: "...é inevitável que o mal domine em toda parte onde a técnica é, ou inteiramente ou quase inteiramente, soberana."

Reflexão prévia, mas extremamente pertinente quando se sabe o uso que foi feito, em Hiroshima, da bomba atômica (aplicando para isso os novos conhecimentos da física³¹), o que S. Weil só podia ignorar, já que faleceu em 1943!

Isto tem a ver com a crítica que ela faz ao "progresso" tal como é encarado pelo "positivismo", isto é, como um "dogma" que isola a ciência de toda sabedoria espiritual. "Progresso "que se tornou o "veneno da nossa época".³²

O que não se enxerga no dogma do progresso é a ambivalência do que é possível ser realizado do ponto de vista técnico. Um exemplo atual, que Simone Weil durante sua vida não pôde conhecer, é o do plástico. Os sacos plásticos descartáveis estão sendo apontados hoje como um veneno para o meio-ambiente, que eles poluem de maneira incrível e não prevista. Poluição que é um desafio para a vida na Terra e que requer ser urgentemente reduzida, como recomendam os que estão empenhados na luta ecológica.

É claro que para combater a poluição causada pelos plásticos descartáveis, cujos efeitos nefastos para a Terra (ar, oceanos, seres vivos) se agravam, teremos que recorrer a novas técnicas, o que não exclui, porém, uma crítica mais profunda do que a técnica, em geral, pode estar causando no nosso meio ambiente.

A ideia, quase sempre negligenciada é a de "limite", ideia, que, segundo Simone Weil, foi totalmente afastada de uma civilização como a nossa. Ora, no nosso mundo, a "liberdade" não é ilimitada, como alguns são levados a 'pensar', mas é inseparável da ideia de "limite", que tem a ver também com a aspiração à justiça.

O que está também em causa nas reflexões de Simone Weil sobre nossa civilização é a política, e, portanto, a 'Constituição nacional', mesmo nos países democráticos. André Philip tinha sido encarregado pelas forças da *França Livre* de redigir um '*Nouveau Projet de Constitution*'. Num esboço – "*Idées essentielles pour une nouvelle Constitution*" –, Simone Weil faz eco ao projeto de A. Philip, antes de escrever, pouco tempo depois, suas "Remarques sur le nouveau projet de Constitution".³³

³¹ Albert Einstein, ao tomar conhecimento da bomba atômica, ficou extremamente abalado.

³² Cf. WEIL, *L'Enracinement*, p. 295, ver a nota 1.

³³ Cf. WEIL, "Remarques sur le nouveau projet de Constitution" in: *Écrits de New York et de Londres*, CE. C. p. 424-430.

No esboço, ela começa por essa observação: “Não importa como o chefe do governo é nomeado, mas sim como seu poder é limitado, como seu exercício é controlado, como eventualmente ele é castigado”. E poucas linhas depois, em relação aos legisladores, acrescenta:

[...] As noções que [devem] fazer objeto de atenção dos legisladores são da ordem dos seguintes exemplos: a propriedade – a função do dinheiro na vida de um país – a função da imprensa – a definição do respeito ao trabalho, etc.³⁴

O que ela sublinha também é que as campanhas eleitorais, fazendo promessas mentirosas, proíbem a dignidade da função política que está em jogo.

Na época de Simone Weil a expressão *fake news* não era ainda utilizada, como é hoje, mas ela via com pertinência o que a publicidade eleitoral dos partidos políticos pode conter de mentira, de promessas falsas etc. Os partidos exigem de seus membros que se submetam aos chefes, à disciplina partidária, e sejam assim, impedidos de discutir e criticar as decisões do partido ao qual aderem (isto é, de seus chefes).

Que Simone Weil tenha podido pensar os vários aspectos de uma civilização como a nossa é realmente algo de extraordinário, que tem a ver não somente com seu interesse intelectual, mas também com seu desejo de empreender ações capazes de modificar nosso mundo colocando-o no caminho da Verdade, da Justiça e do Bem. E como ela dizia “toda inspiração real passa pelos músculos e se realiza em ações”.³⁵ “A ação confere a plenitude da realidade aos motivos que a produzem”.³⁶

A esse princípio que ela viveu integralmente se juntam sua capacidade de aprender concentrando sua atenção no que lia.

Mas referindo-me ao ato de ler não posso deixar de lembrar a importância por ela conferida à noção de “leitura”, e especialmente a de uma leitura inspirada: “A inspiração é uma tensão das faculdades da alma que torna possível o grau de atenção indispensável sobre múltiplos planos”.

Foi essa atenção a vários planos que ela sempre manteve quando lia, como atestam seus textos; em particular quando ela lia textos espirituais, o que lhe permitiu aproximar do Evangelho tantos outros pensamentos, fossem eles da filosofia, da poesia, da literatura em geral e, é claro, da teologia. Quanto a certas proclamações da Igreja Católica, respeitando a si mesma,

³⁴ As duas frases citadas dessas *Ideias essenciais...*, se encontram nos *Écrits de New York et de Londres*, CE.C. V, p. 420.

³⁵ Cf. WEIL, *L'Enracinement*, in *Écrits de New York et de Londres*, CE. C., V, p. 270.

³⁶ *Ibidem*, p. 278.

isto é a liberdade de sua inteligência, de sua reflexão, Simone Weil não deixa de criticar, como foi o caso do “anathema sit”, isto é da condenação pela Igreja de certas afirmações, de certas leituras feitas pelas “autoridades” da época. O Concílio Vaticano II eliminou tal expressão, o que alegraria bastante Simone Weil, como também o fato que certos teólogos exprimam posições um tanto diferentes das geralmente adotadas.

Para terminar, sem concluir, essa minha breve leitura do *Enracinement* e de alguns dos textos de Simone Weil que o “prepararam”, eu queria apenas aconselhar que suas *Obras Completas*, que estão sendo publicadas, fossem lidas, interrogadas, pois elas permitem melhor compreender os desafios, as mentiras de uma civilização como a nossa, embora em cada país, em cada região, o “caso” seja diferente e esteja exigindo uma “leitura” adaptada às circunstâncias em jogo.

Referências

WEIL, Simone. *Attente de Dieu*. Paris: Fayard, 1966.

WEIL, Simone. *Œuvres Complètes IV. Écrits de Marseille (1940-1942)*. Paris: Gallimard, 2008.

WEIL, Simone. *Œuvres Complètes V: Écrits de New York et de Londres*. Paris: Gallimard, 2013; 2019. (I Questions politiques et religieuses ; II L'Enracinement).

WEIL, Simone. *Œuvres Complètes VI: Cahiers – vol. 1- 4*. Paris: Gallimard, 1994.

WEIL, Simone. *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*. Paris: Gallimard, 1962. coletânea editada por Gallimard, 1962.

Maria da Penha Villela-Petit
59, Rue Lhomond, 75 005
Paris-França
maria.villela.petit@gmail.com